



LIÇÃO 02

11 de Janeiro de 2025

1º TRIMESTRE 2026

ADULTOS

O Deus Pai

Esboço Da Lição 02

Do 1º Trimestre

De 2026

Por Murilo Alencar

DIREITOS AUTORAIS

Este subsídio está protegido por leis de direitos autorais. Todos os direitos sobre o subsídio são reservados. Você não tem permissão para alterar ou vender este subsídio. Nem tem permissão para copiar/reproduzir o conteúdo do subsídio em sites, blogs ou jornais. Qualquer tipo de violação dos direitos autorais estará sujeita a ações legais.

SOBRE O ABRA A JAULA

O **Abra a Jaula** é um projeto de pregação, evangelismo e ensino da palavra de Deus. O abrir a jaula pode ser comparado com a ordenança máxima dada a igreja por Jesus "Ide por todo mundo e pregai o evangelho a toda criatura". Spurgeon disse que o evangelho é como um leão faminto que está enjaulado, de modo que nosso papel não é salvar ninguém, mas abrir a jaula e deixar que o Leão saia e consuma os corações!

Nesse sentido, nos colocamos a disposição, principalmente de Deus, para promover um conteúdo bíblico e pentecostal.

No acervo de vídeos do Abra a Jaula, temos pregações curtas, reflexões bíblicas, pré-aula da Escola Dominical, dicas de pregação com O Pregador e a Pregação e o personagem da bíblia, além de vários projetos que ainda estão para serem colocados em prática, pois estamos em constante crescimento.

É um privilégio muito grande contribuir com seu ministério. Nós gostaríamos de te conhecer melhor e estar mais próximo de você. Faça parte da nossa família, é só clicar nos botões.



Site



Canal



Instagram



Facebook



Twitter



(87) 99808-9816

A SANTÍSSIMA TRINDADE
O Deus Único Revelado em Três Pessoas Eternas

Domingo, 11 de janeiro 2026

O DEUS PAI

Pb. Murilo Alencar ¹

INTRODUÇÃO

Na lição de hoje, estudaremos sobre o Deus Pai, a Primeira Pessoa da Santíssima Trindade, e veremos como a Escritura nos conduz a conhecê-lo. Jesus ensina que o Pai se dá a conhecer por revelação e que esse conhecimento é mediado pelo Filho, pois ninguém vem ao Pai senão por Cristo (Mt 11.27; Jo 14.6, NAA). Deste modo, nossa fé não se apoia em impressões subjetivas, mas na revelação que o próprio Deus concede de si mesmo. Ao longo do estudo, reconheceremos a identidade do Pai como o único Deus verdadeiro, contemplaremos sua glória revelada em Jesus e compreenderemos como seus atributos e nomes nos levam a adoração, confiança e a obediência. Preparados? Vamos juntos aprender a Palavra de Deus.

TEXTO ÁUREO

“Todas as coisas me foram entregues por meu Pai. Ninguém conhece o Filho a não ser o Pai, e ninguém conhece o Pai a não ser o Filho e aqueles a quem o Filho o quiser revelar. (Mt 11.27, NVI).

— O meu Pai me deu todas as coisas. Ninguém sabe quem é o Filho, a não ser o Pai; e ninguém sabe quem é o Pai, a não ser o Filho e também aqueles a quem o Filho quiser mostrar quem o Pai é. (Mt 11.27, NTLH).

Penso que o Texto Áureo foi muito bem escolhido para introduzir o assunto em análise, por algumas razões:

1. Distinção pessoal e relação mútua. Pai e Filho são claramente distintos em pessoa, mas unidos em íntima comunhão e exclusivo conhecimento mútuo.
2. Unidade ontológica implícita. Em última análise, somente Deus é grande o suficiente para conhecer e entender Deus. O homem não pode conhecê-lo por esforços próprios ou pelo próprio intelecto. Por isso, somente o Pai conhece o Filho e somente o Filho conhece o Pai.
3. Revela a singularidade de Cristo como mediador da revelação divina. Jesus revela o Pai aos que por meio da fé, o buscam.

Todavia, quanto a este último ponto, percebi uma tensão no texto que precisa ser explicada:

- Se só Deus conhece Deus,
- e o homem não é Deus,

¹ Graduado em teologia pela UniCesumar; Tecnólogo em coaching e desenvolvimento humano pela Unopar; pós-graduando em educação cristã e graduando em teologia pela Faculdade Batista do Cariri (FBC); Presbítero na Assembleia de Deus em Pernambuco

- como pode o homem conhecer a Deus mesmo por meio da mediação do Filho?

A resposta está no tipo de revelação que Jesus oferece, e na distinção entre conhecimento essencial (próprio de Deus) e conhecimento participativo (possível à criatura por graça). Ou seja, Pai e Filho se conhecem perfeitamente por meio da consubstancialidade, isto é, a mesma essência. Porém, os seres humanos redimidos, conhecem a Deus por meio da revelação graciosa, mediada pelo Filho.

Como bem escreveu Carson em algum lugar que não consigo referenciar:

“A revelação do Pai pelo Filho é a auto-doação do próprio Deus — não uma elevação do homem à divindade, mas a entrada de Deus na história para se fazer conhecido.”

VERDADE PRÁTICA

Conhecemos a identidade, os atributos e a glória do Deus Pai por meio da revelação de Cristo e da ação do Espírito Santo.

O Deus Pai, em sua essência transcendente, jamais foi visto por qualquer ser humano, pois “ninguém poderá me ver e viver” (Êx 33.20, NAA). Por isso, o conhecimento sobre Ele não é alcançado por uma escalada intelectual humana, e sim pela autocomunicação de Deus, que se dá por iniciativa divina (Mt 11.27, NAA).

Nesse sentido, Jesus Cristo, o Filho eterno, desempenha o papel de “exegese” do Pai, porque “ninguém jamais viu Deus; o Deus unigênito, que está no seio do Pai, é quem o revelou” (Jo 1.18, NAA). Assim, o Filho é a manifestação exata do ser de Deus, “o resplendor da glória e a expressão exata do seu Ser” (Hb 1.3, NAA), de modo que “quem me vê, vê o Pai” (Jo 14.9, NAA).

Além disso, o Espírito Santo sonda as profundezas de Deus e as comunica aos crentes (1Co 2.10-12, NAA), removendo a cegueira espiritual e iluminando o coração para reconhecer a glória de Deus na face de Cristo (2Co 4.4-6, NAA).

Portanto, enquanto a ordem da existência divina é do Pai para o Filho e para o Espírito (Jo 15.26; Jo 1.14, NAA), a ordem do nosso conhecimento é inversa: o Espírito nos conduz a confessar o Filho como Senhor (1Co 12.3, NAA) e, por meio do Filho, temos acesso ao Pai (Ef 2.18; Jo 14.6, NAA).

**Você quer melhorar suas aulas e fazer sua classe da EBD crescer?
Quer ter aulas envolventes utilizando slides, dinâmicas de grupos
Infográficos e fluxogramas?
Aperte agora mesmo [aqui](#) para conhecer a maior plataforma de auxílio
ao professor da EBD**

1. A IDENTIDADE DE DEUS, O PAI

Ideia central: A Escritura apresenta o Pai como o Deus único e pessoal; e ensina que o conhecimento verdadeiro do Pai ocorre pela revelação do Filho e pela ação do Espírito.

1.1 O Pai é o único Deus verdadeiro.

Ideia central do ponto: O Pai é o Deus único e verdadeiro, confessado no AT e identificado no NT; sua paternidade é pessoal e se manifesta por meio das obras divinas em comunhão com Filho e o Espírito Santo.

O aluno deve sair sabendo: como manter o monoteísmo e, ao mesmo tempo, falar bíblicamente do Pai como Deus, sem reduzir a Trindade a três deuses (Dt 6.4; Ef 4.4-6, NAA).

A LIÇÃO DIZ: *O Pentateuco declara “Ouve, Israel, o Senhor nosso Deus é o único Senhor” (Dt 6.4). Deus, no Antigo Testamento, é um só Deus, que se revela pelos seus nomes, pelos seus atributos e pelos seus atos (Horton, 1997, p.159). O Novo Testamento apresenta o Pai como Deus por excelência, identificado seis vezes com o título de “Deus Pai” (Jo 6.27; 1Co 15.24; Gl 1.1,3; Ef 6.23; 1Pe 1.2).*

A base da teologia bíblica é o monoteísmo: a crença de que existe apenas um Deus, excluindo qualquer outra divindade. Esta verdade é resumida no *Shema* de Israel: "Ouve, Israel, o Senhor, nosso Deus, é o único Senhor" (Dt 6.4). Este credo, que afirma que Yahweh não é parte de um panteão, mas o Único, é ratificado por Jesus no Novo Testamento como o principal mandamento.

Nas Escrituras do Novo Testamento, essa unicidade é especificamente atribuída ao Pai. O apóstolo Paulo declara enfaticamente: "todavia, para nós há um só Deus, o Pai, de quem é tudo e para quem nós vivemos" (1Co 8.6).

Quando a Bíblia diz que o Pai é o "único Deus", o objetivo primário é excluir os ídolos e falsos deuses do paganismo, e não excluir o Filho. Se interpretarmos "um só Deus, o Pai" (1 Co 8.6) como uma exclusão de Jesus da divindade, teríamos que interpretar "um só Senhor, Jesus Cristo" (no mesmo versículo) como uma exclusão do Pai do senhorio. Pelo contrário, Pai e Filho compartilham a natureza divina única em contraste com o politeísmo.

Não há ruptura entre o Deus do Antigo Testamento e o Pai revelado no Novo Testamento; há continuidade e consumação. O Deus que se revelou aos patriarcas como o "Deus de Abraão, de Isaque e de Jacó" é o mesmo que ressuscitou Jesus dentre os mortos.

1.2 O Pai é a fonte da divindade.

Ideia central: "Fonte" descreve a ordem relacional entre as Pessoas, e não superioridade de essência; o Pai é Deus em plenitude, assim como o Filho e o Espírito também o são.

O aluno deve sair sabendo: distinguir "ordem pessoal" de "diferença de natureza", evitando pensar que o Pai é "mais Deus" que o Filho ou que o Espírito (Jo 5.26; Hb 1.1-3; Jo 15.26, NAA).

A LIÇÃO DIZ: *Nossa Declaração de Fé professa que Deus é o Supremo Ser, é Eterno, nunca teve começo, princípio e nunca terá fim (Dt 33.27), pois Ele existe por si mesmo: “como o Pai tem a vida em si mesmo, assim deu também ao Filho ter a vida em si mesmo” (Jo 5.26). Ele é o Deus imutável, desde a eternidade, desde antes da fundação do mundo (Sl 90.2; Ml 3.6; Tg 1.17). Ele é o Criador do céu e da terra, e de tudo que neles existe (Is 45.18; At 17.24). Ele é o Deus Pai de nosso Senhor Jesus Cristo (Jo 20.31); Ele é Espírito doador e mantenedor de toda a vida (Jó 33.4). O Pai é a Primeira Pessoa divina da Santíssima Trindade, portanto, Ele é a origem e fonte eterna da divindade, de quem o Filho é gerado e de quem o Espírito procede (Jo 15.26; Hb 1.1-3).*

Há grande probabilidade de que este subponto se torne motivo de intenso debate na classe ou, ainda, por falta de cuidado de alguns professores, sirva de base para a exposição do unitarismo ou do subordinacionismo.

Portanto, urge explicar, com muito cuidado, em que sentido o Pai é a fonte da divindade, o que significa afirmar que o Filho é eternamente gerado e o que se entende por Espírito procedente. Vamos tentar explicar um dos pontos mais difíceis da doutrina da Trindade.

1.2.1 O Pai como fonte da deidade.

Na teologia trinitária clássica, afirma-se que o Pai é o *principium* (termo latino para “princípio”, no sentido de fonte ou origem) ou *arché* (termo grego com sentido semelhante) da divindade, isto é, aquele de quem procedem, por relação eterna, o Filho e o Espírito. Essa linguagem não sugere que o Pai “começou” antes dos outros, mas que ele é a origem, não em sentido temporal, e sim relacional. Assim, busca-se explicar como as Pessoas divinas se distinguem sem dividir a única essência de Deus.

Santo Agostinho expõe essa distinção ao afirmar que o Pai é o único que não tem origem em outro: ele não é gerado nem procede de ninguém. Para tornar isso mais acessível, “geração” (do Filho) e “processão” (do Espírito) não descrevem eventos no tempo, mas relações eternas pelas quais o Filho é Filho do Pai e o Espírito é Espírito do Pai e também do Filho. Quando Agostinho chama o Pai de “princípio” da “deidade”, ele procura resguardar, ao mesmo tempo, duas afirmações: há um só Deus (Dt 6.4, NAA) e há distinção pessoal verdadeira no único Deus.

Robert Letham observa que, especialmente na tradição oriental dos Pais Capadócios (teólogos do século IV, como Basílio de Cesareia, Gregório de Nazianzo e Gregório de Nissa), o Pai é chamado de “causa” ou “fonte” da existência hipostática do Filho e do Espírito. Aqui, “hipóstase” significa Pessoa, ou subsistência pessoal, isto é, quem alguém é; enquanto “essência” ou “natureza” se refere ao que Deus é, a única realidade divina compartilhada plenamente pelas três Pessoas. Portanto, dizer que o Pai é “fonte” não implica que ele seja “mais Deus” do que o Filho ou o Espírito. Indica, antes, uma *taxis*, isto é, uma ordem relacional pela qual as Pessoas são distinguidas: o Pai é “primeiro” como origem relacional, não no tempo, nem em grau de divindade, nem em dignidade.

As Escrituras reforçam essa forma de falar ao apresentar o Pai como aquele que envia o Filho e o Espírito (Jo 3.16-17; Jo 14.26; Jo 15.26, NAA), ao passo que o Pai não é descrito como “enviado” por eles. Convém explicar que “enviar”, nesses textos, pode ser entendido em dois níveis. Primeiro, como missão, isto é, o envio na história (a encarnação do Filho e a vinda do Espírito). Segundo, como a relação eterna que essa missão manifesta (o Filho procede do Pai por geração eterna, e o Espírito procede eternamente). Desse modo, o que Deus faz na história da salvação revela, sem esgotar, quem Deus é desde toda a eternidade.

Por isso, textos como João 5.26, “Assim como o Pai tem a vida em si mesmo, também concedeu ao Filho ter a vida em si mesmo” (Jo 5.26, NAA), costumam ser lidos, na ortodoxia nicena, não como uma doação ocorrida em algum momento, mas como linguagem bíblica para a comunicação eterna da vida divina. Assim, o Filho possui plenamente a mesma vida divina, recebida do Pai de modo eterno, sem começo e sem inferioridade de essência.

1.2.2 O Filho é eternamente gerado.

A expressão “geração eterna” (ou “o Filho é eternamente gerado”) surgiu como uma regra de leitura da Escritura e, ao mesmo tempo, como uma fórmula de salvaguarda contra dois erros opostos: (1) o unicismo/modalismo, segundo o qual Pai e Filho seriam apenas “modos” do mesmo sujeito; e (2) qualquer forma de subordinação ontológica, como se o Filho fosse inferior em essência, um “deus menor” ou mesmo uma criatura.

Dizer que o Filho é “gerado” significa, antes de tudo, que ele possui a mesma natureza do Pai, o que o distingue de tudo o que é “criado” ou “feito”. Por isso, o Credo de Niceia formula a ideia com precisão: “gerado, não feito, de uma só substância com o Pai”. A categoria “geração”, aqui, marca identidade de essência: o que é gerado é da mesma natureza daquele que gera, enquanto o que é criado é distinto do Criador.

É verdade que, na geração humana, o pai existe antes do filho; porém, em Deus, essa analogia tem limite. A geração divina não ocorre no tempo. Por isso, Agostinho, ao responder aos arianos que diziam “houve um tempo em que o Filho não existia”, afirma que o “nascer” em Deus é sempiterno, isto é, sem começo. Se o Pai é eterno, o Filho é coeterno, porque o Pai nunca existiu sem o Filho.

1.2.3 O Espírito procedente do Pai e do Filho.

A teologia trinitária distingue cuidadosamente a geração do Filho e a processão do Espírito, a fim de preservar a distinção real das Pessoas sem dividir a única essência divina.

O Espírito procede (eternamente): o Espírito não é “gerado”, porque sua propriedade pessoal não é filiação. Por isso, a tradição utiliza o termo “processão” para distingui-lo do Filho e evitar confusão entre as propriedades pessoais da Trindade. Do contrário, o Espírito seria concebido como um “segundo Filho”, o que contraria o modo como a Escritura e a Igreja distinguem as Pessoas da Trindade.

1.3 O Pai age por meio do Filho e do Espírito.

Ideia central: As obras divinas são trinitárias: o Pai opera em comunhão com o Filho e pelo Espírito, com distinção pessoal e unidade de ação.

O aluno deve sair sabendo: por que “por meio do Filho” e “pelo Espírito” descrevem a maneira bíblica de Deus agir, sem inferioridade entre as Pessoas (1Co 12.4-6; Jo 1.3; Jo 14.26, NAA).

A LIÇÃO DIZ: *A paternidade é o papel da primeira Pessoa da Trindade. Assim, o Pai opera por meio do Filho e por meio do Espírito Santo (1Co 12.4-6; Ef 4.4-6). Isso não implica inferioridade, mas expressa a maneira como as três Pessoas operam inseparavelmente, cada uma conforme sua distinção pessoal. O Pai proclamou as palavras criadoras (Sl 33.9), e o Filho as executou (Jo 1.3). O Pai planejou a redenção (Tt 1.2), e o Filho as realizou (Jo 17.4). Quando o Filho retornou ao céu, o Espírito Santo foi enviado pelo Pai e pelo Filho para ser o Consolador e Ensinador (Jo 14.26).*

Agostinho de Hipona ensina que a Trindade opera inseparavelmente em tudo o que Deus faz “para fora”, isto é, nas obras de Deus na criação e na história. Em outras palavras, quando Deus age no mundo, não são três deuses agindo separadamente, mas o único Deus agindo de modo trinitário. Essa inseparabilidade nas obras acompanha a inseparabilidade na natureza divina, pois Pai, Filho e Espírito Santo compartilham a mesma essência divina.

1.3.1 A criação é descrita com um padrão trinitário. Gênesis apresenta o Espírito de Deus pairando sobre as águas e Deus criando por meio de sua palavra, no “Disse Deus” (Gn 1.1-3, NAA). Esse padrão é ecoado quando o salmista associa a criação à “palavra” e ao “sopro” de Deus (Sl 33.6, NAA). O Novo Testamento explicita que a criação ocorreu “por intermédio” do Verbo, isto é, do Filho (Jo 1.3, NAA). Assim, a Escritura permite afirmar que o Pai cria por meio do Filho e pelo Espírito.

1.3.2 A salvação também é trinitária: o Pai planeja, o Filho realiza, e o Espírito aplica.

1.3.2.1 Planejamento e envio (o Pai): a salvação procede do amor e da vontade do Pai, que escolhe e destina seu povo em Cristo (Ef 1.3-6, NAA) e envia o Filho ao mundo (Jo 3.16, NAA).

1.3.2.2 Execução e mediação (o Filho): a redenção é realizada pelo Filho, que se fez carne. Contudo, ele não age isoladamente: cumpre a vontade do Pai e, na entrega de si mesmo, o texto relaciona sua oferta a Deus ao “Espírito eterno” (Hb 9.14, NAA).

1.3.2.3 Aplicação e consumação (o Espírito): o Pai e o Filho enviam o Espírito Santo para aplicar a obra de Cristo ao crente. É o Espírito quem vivifica e sela o povo de Deus, unindo-o a Cristo e conduzindo-o à santificação (cf. Jo 14.26, NAA)

1.3.3 Os episódios do Evangelho mostram a mesma lógica: comunhão inseparável com distinções reconhecíveis.

1.3.3.1 Encarnação: o Pai prepara um corpo para o Filho (Hb 10.5, NAA), e a concepção é atribuída à ação do Espírito Santo (Lc 1.35, NAA).

1.3.3.2 Batismo de Jesus: o Pai fala do céu, o Filho está no Jordão, e o Espírito desce sobre ele, marcando publicamente o início do ministério (Mt 3.16-17, NAA).

1.3.3.3 Milagres: Jesus declara que expulsa demônios “pelo Espírito de Deus” (Mt 12.28, NAA) e, ao mesmo tempo, afirma que “o Pai, que permanece em mim, faz as suas obras” (Jo 14.10, NAA). Atos resume essa dinâmica ao dizer que Deus ungiu Jesus com o Espírito Santo e poder para realizar o bem (At 10.38, NAA).

**Você quer melhorar suas aulas e fazer sua classe da EBD crescer?
Quer ter aulas envolventes utilizando slides, dinâmicas de grupos
Infográficos e fluxogramas?
Aperte agora mesmo aqui para conhecer a maior plataforma de auxílio
ao professor da EBD**

2. O PAI REVELADO EM CRISTO

Ideia central do ponto: O conhecimento do Pai é dom revelacional: chega aos humildes e ocorre pela mediação do Filho; ver o Filho é conhecer o Pai no sentido de revelação perfeita.

2.1 O Pai se revela aos humildes.

Ideia central: Deus confronta a autossuficiência espiritual; a revelação do Reino alcança quem se aproxima como “pequenino”, com humildade, sinceridade e fé.

O aluno deve sair sabendo: que humildade, aqui, é a postura correta diante da revelação de Deus, não é o mesmo que desprezo pelo estudo; o problema tratado é a soberba, não a inteligência (Mt 11.25-26; Pv 3.7, NAA).

A LIÇÃO DIZ: Jesus exalta ao Pai acerca de uma profunda verdade espiritual: “...ocultaste estas coisas aos sábios e instruídos, e as revelaste aos pequeninos” (Mt 11.25). Os primeiros, intitulados sábios (gr. *sophós*) são aqueles que detêm “inteligência e educação acima da média”. Os outros, os instruídos (gr. *synetós*), são as pessoas com “cultura e instrução”. Esses vocábulos caracterizam os fariseus e os escribas, que se vangloriavam de sua formação privilegiada, mas que padeciam de cegueira espiritual. Significa que os mistérios do Reino de Deus não são revelados aos soberbos, aos que se consideram sábios aos próprios olhos (Pv 3.7). O Pai se dá a conhecer aos “pequeninos” (gr. *népios*), àqueles que possuem a humildade das crianças (Mt 18.2-4).

Vamos desembrulhar o conteúdo deste texto em quatro pontos:

- 2.1.1 O Pai revela o Reino como dom, e isso confronta a autossuficiência espiritual dos que se consideram sábios. Jesus diz que o Pai “ocultou estas coisas aos sábios e instruídos e as revelou aos pequeninos” (Mt 11.25, NAA). “Estas coisas” inclui o sentido de seu ministério: suas obras, sua mensagem e a chegada do Reino que muitos não perceberam, apesar de abundantes evidências (Mt 11.20-24, NAA).
- 2.1.2 “Sábios” e “instruídos” descrevem, antes de tudo, uma postura: gente que se considera suficiente para julgar Deus. A lição identifica os termos: *sophós* (sábios) e *synetós* (instruídos), frequentemente associados a quem possui formação e cultura. Porém, no contexto, o contraste não visa a capacidade mental em si, e sim o tipo de coração que se blinda contra a verdade. Por isso, a Escritura denuncia o ser “sábio aos seus próprios olhos” (Pv 3.7, NAA). Em Mateus 11, essa atitude aparece de forma ampla: não se limita a fariseus e escribas, pois alcança uma “geração” e cidades inteiras que se mostraram impermeáveis à mensagem e às obras do Messias (Mt 11.16-24, NAA). Assim, a ideia de “ocultar” é uma espécie juízo que acompanha a recusa persistente de pessoas endurecidas.
- 2.1.3 “Pequeninos” são os humildes. Jesus chama de “pequeninos” os *nēpioi*, isto é, os que se aproximam sem pretensão de autossuficiência. A Bíblia descreve essa postura com a linguagem da humildade de uma criança: receber, aprender, submeter-se, depender (Mt 18.2-4, NAA). Portanto, “pequenino” não é um elogio à ignorância; é um elogio a quem aceita ser ensinado por Deus. Em outros textos, essa mesma lógica aparece quando Deus escolhe o que o mundo despreza para envergonhar a confiança humana (1Co 1.26-29, NAA).
- 2.1.4 A humildade exigida aqui não é anti-intelectual; é a submissão correta diante da revelação da parte de Deus. O evangelho não pede que a pessoa abandone o entendimento; ele pede que o entendimento seja colocado em seu lugar. O problema em Mt 11.25 não é a inteligência, mas a soberba.

2.2. O Pai se faz conhecer pelo Filho.

Ideia central: Ninguém conhece o Pai de modo salvador fora da revelação concedida pelo Filho, o mediador (Mt 11.27; Jo 14.6; 1Tm 2.5, NAA).

O aluno deve sair sabendo: que fora de Cristo, o conhecimento do Pai fica deformado ou incompleto (Jo 1.18; Hb 1.1, NAA).

A LIÇÃO DIZ: *O Filho é o intérprete supremo do Pai, o único capaz de revelar sua natureza, vontade e amor (Jo 1.18; Hb 1.1). Sem Cristo, qualquer tentativa de conhecer o Pai será incompleta ou distorcida, e fadada ao erro e a idolatria (Jo 10.30; Cl 1.15; 2.8,9).*

Ninguém jamais viu a Deus. O Deus unigênito, que está ao lado do Pai, foi quem o revelou (Jo 1.18). Deus é invisível, pois é Espírito. Ele habita em luz inacessível. Contudo, a segunda pessoa da Trindade, o Verbo eterno, chamado claramente aqui pelo apóstolo João de Deus unigênito, eternamente gerado do Pai, veio ao mundo exatamente para nos revelar Deus Pai.

João declara que o Verbo encarnado tornou Deus conhecido. Veio para revelar o Pai. O verbo grego que emprega é *exegesato*, de onde vem nossa palavra exegese. Podemos assim dizer que Jesus é a exegese de Deus. Nem Abraão, o amigo de Deus, nem Moisés, com quem o Senhor tratava face a face, puderam ver a glória divina em sua plenitude. Contudo, a glória que nem Abraão nem Moisés puderam ver, agora foi apresentada a nós em Jesus.

Só Jesus pode nos tomar pela mão e nos levar a Deus. Ninguém pode ir ao Pai senão por ele. Ninguém pode conhecer o Pai senão através de sua revelação. Deus outrora nos falou muitas vezes, de muitas maneiras, mas agora ele nos fala pelo seu Filho. Em Jesus habita corporalmente toda a plenitude da divindade. Ele é a imagem do Deus invisível. Ele é o resplendor da glória, a expressão exata do ser de Deus.

Jesus pode ser o revelador de Deus por três razões: Primeiro, porque ele é único. A palavra grega usada é *monogenes*, “unigênito”. Jesus é o único que pode trazer Deus às pessoas e levar as pessoas a Deus. Segundo, porque ele é Deus. Ele é Deus da mesma substância do Pai. Vê-lo é o mesmo que ver Deus. Terceiro, porque ele está no seio do Pai. Esse termo era usado para o relacionamento estreito do filho com a mãe, do marido com a esposa (Is 62.5; Ct 4.8).

2.3 Quem vê o Filho vê o Pai.

Ideia central: “Ver o Pai” significa reconhecer que Jesus revela perfeitamente o caráter e a obra do Pai; isso não confunde as Pessoas, mas afirma unidade de essência e comunhão de ação (Jo 14.9-11; Jo 10.30, NAA).

O aluno deve sair sabendo: explicar Jo 14.9 sem cair em modalismo (Pai = Filho) e sem reduzir Cristo a um mensageiro inferior; o Filho revela o Pai porque participa plenamente da divindade (Hb 1.3, NAA).

A LIÇÃO DIZ: *No diálogo com Filipe, Jesus revela outra verdade sublime: “quem me vê a mim vê o Pai” (Jo 14.9).*

O texto bíblico diz:

Jesus respondeu: — Eu sou o caminho, a verdade e a vida; ninguém vem ao Pai senão por mim. Se vocês me conhecem, conhecerão também o meu Pai. E desde agora vocês o conhecem e têm visto. Filipe disse a Jesus: — Senhor, mostre-nos o Pai, e isso nos basta. Jesus respondeu: — Há tanto tempo estou com vocês, Filipe, e você ainda não me conhece? Quem vê a mim vê o Pai. Como é que você diz: “Mostre-nos o Pai”? Você não crê que eu estou no Pai e que o Pai está em mim? As palavras que eu digo a vocês não as digo por mim mesmo, mas o Pai, que permanece em mim, faz as suas obras. Creiam que eu estou no Pai e que o Pai está em mim; creiam ao menos por causa das mesmas obras. (Jo 14.6-11, NAA).

Esse episódio e todo o diálogo ocorrem no cenáculo, onde Jesus prepara os discípulos para a sua partida. Filipe expressa um desejo que reflete a esperança judaica por uma teofania, isto é, uma manifestação visível e extraordinária de Deus, semelhante ao que Moisés experimentou no Sinai: “Senhor, mostra-nos o Pai, e isso nos basta”. No entanto, Jesus responde: “Há tanto tempo estou convosco, e não me tens conhecido, Filipe?” (Jo 14.9,

NAA). Filipe não percebeu que a revelação que buscava já estava diante dele. Ele via o Jesus humano, mas não discerniu, pela fé, que contemplar o Filho é contemplar a perfeita revelação do Pai.

A razão pela qual ver o Filho equivale a ver o Pai é que Pai e Filho compartilham a mesma natureza divina. Jesus não é um apenas representante; ele participa plenamente da divindade. Em linguagem nicena, ele é da mesma substância (*homoousios*) do Pai.

Jesus explica essa realidade ao dizer: “Eu estou no Pai, e o Pai está em mim” (Jo 14.10, NAA). Essa habitação mútua significa que as palavras de Jesus não são independentes do Pai, e que suas obras são o Pai operando por meio do Filho.

O Deus invisível se dá a conhecer no Filho. Se queremos saber como Deus é, seu amor, sua justiça e sua misericórdia, devemos olhar para Jesus, pois ele torna o Pai conhecido (Jo 1.18; Jo 14.9, NAA).

**Você quer melhorar suas aulas e fazer sua classe da EBD crescer?
Quer ter aulas envolventes utilizando slides, dinâmicas de grupos
Infográficos e fluxogramas?
Aperte agora mesmo aqui para conhecer a maior plataforma de auxílio
ao professor da EBD**

3. A PESSOA DE DEUS PAI

Ideia central do ponto: Os atributos e nomes de Deus, são aplicados ao Pai porque ele é Deus. Portanto, o conhecimento de quem Ele é nos conduz a adoração, a confiança e a obediência.

3.1 Atributos incomunicáveis.

Ideia central: São perfeições próprias de Deus (autoexistência, eternidade, imutabilidade etc.), que o distinguem de toda criatura terrena e angelical.

O aluno deve sair sabendo: que esses atributos pertencem à essência divina; portanto, ao dizer “atributos do Pai”, não se está excluindo Filho e Espírito da mesma divindade (Jo 5.26, NAA).

A LIÇÃO DIZ: *São qualidades exclusivas da divindade. Elas pertencem apenas ao Deus Pai (bem como ao Filho e ao Espírito), e não podem ser compartilhadas pelo ser humano.*

Atributos incomunicáveis são as perfeições de Deus que pertencem somente a ele, isto é, não são compartilhadas com as criaturas. Eles destacam o quanto Deus é distinto de tudo o que foi criado e, por isso, evidenciam sua grandeza, infinitude e singularidade. O termo “incomunicável” não significa que Deus não se comunica conosco; significa, antes, que tais atributos não podem ser transferidos nem refletidos em nós, nem mesmo de modo limitado.

Por que isso é importante? Conhecer os atributos incomunicáveis de Deus nos ajuda a: (1) Reconhecer a santidade e majestade de Deus; (2) Evitar reduções humanas de quem Deus é; (3) Cultivar reverência e temor ao Único Deus verdadeiro que é absolutamente distinto de tudo o que foi criado (cf. Is 40.25; Sl 113.5–6).

Entre os principais atributos incomunicáveis, destaca-se a autoexistência (ou aseidade), isto é, Deus existe por si mesmo e não depende de nada nem de ninguém para existir. Diferentemente de nós, cuja existência é recebida e sustentada, Deus é o “Eu Sou”, aquele cuja vida não é derivada (Êx 3.14, NAA). Por isso Jesus afirma que o Pai “tem a vida em si mesmo” (Jo 5.26, NAA).

Em seguida, a imutabilidade indica que Deus não muda em seu ser, caráter, vontade e promessas. Enquanto nós oscilamos em pensamentos, sentimentos e decisões, Deus permanece fiel a si mesmo, o que dá estabilidade à fé e à esperança. O Senhor declara: “Eu, o Senhor, não mudo” (Ml 3.6, NAA), e Tiago reforça que nele “não há mudança nem sombra de variação” (Tg 1.17, NAA). Em termos cristológicos, essa constância é afirmada também do Filho: “Jesus Cristo é o mesmo ontem, hoje e para sempre” (Hb 13.8, NAA).

A eternidade expressa que Deus não tem começo nem fim e não está sujeito ao tempo, pois ele mesmo é o Criador do tempo. Tudo o que conhecemos está inserido em sucessão e limites; Deus, porém, é Deus “de eternidade a eternidade” (Sl 90.2, NAA). Por isso, ele se apresenta como aquele “que é, que era e que há de vir” (Ap 1.8, NAA).

A onipresença (ou infinitude em relação ao espaço) significa que Deus está presente em todos os lugares, ao mesmo tempo, com todo o seu ser. Não se trata de Deus “espalhado” em partes, mas de sua presença plena e imediata em toda a criação. O salmista pergunta: “Para onde me ausentarei do teu Espírito? Para onde fugirei da tua presença?” (Sl 139.7, NAA). E o Senhor declara: “Não encho eu os céus e a terra?” (Jr 23.24, NAA).

A onipotência afirma que Deus possui todo poder e realiza tudo o que quer, sempre em conformidade com sua natureza. Ele não se cansa, não falha e não encontra limites externos ao seu domínio. Ele diz: “Eu sou o Deus Todo-Poderoso” (Gn 17.1, NAA). Jeremias confessa: “Nada é demasiadamente difícil para ti” (Jr 32.17, NAA), e o salmista conclui: “O nosso Deus está nos céus; ele faz tudo o que lhe agrada” (Sl 115.3, NAA).

A onisciência é o conhecimento perfeito e imediato de todas as coisas: passado, presente e futuro, sem esforço e sem erro. Deus conhece plenamente a criação e, de modo especial, sonda o coração humano. A Escritura afirma: “Grande é o nosso Senhor... o seu entendimento é infinito” (Sl 147.5, NAA). Ele “conhece o coração dos filhos dos homens” (2Cr 6.30, NAA), e o salmista reconhece: “Antes que a palavra me chegue à língua, tu já a conheces toda” (Sl 139.4, NAA).

Por fim, a incompreensibilidade ensina que Deus não pode ser esgotado pela mente de nenhuma criatura. Isso não significa que Deus seja incognoscível; significa que podemos conhecê-lo verdadeiramente, porém nunca de forma total. Sua grandeza excede nossa capacidade de abarcar plenamente quem ele é. “Grande é o Senhor... a sua grandeza é insondável” (Sl 145.3, NAA). Isaías pergunta: “Quem, pois, pode compreender o poder do seu entendimento?” (Is 40.28, NAA), e Paulo adora dizendo: “Quão insondáveis são os seus juízos e quão inescrutáveis os seus caminhos!” (Rm 11.33, NAA).

3.2 Atributos comunicáveis.

Ideia central: São perfeições morais que Deus imprime em nós por analogia e limite, chamando seus filhos a refletirem seu caráter (Lv 19.2; 1Pe 1.15-16; 1Jo 4.8, NAA).

O aluno deve sair sabendo: diferenciar “refletir” de “possuir por natureza”.

A LIÇÃO DIZ: *São qualidades divinas que, de alguma forma, Deus compartilha com suas criaturas, ainda que de maneira limitada. Refletem os aspectos do caráter e da moral de Deus que podem ser vistos, em grau menor, no ser humano criado à sua imagem e semelhança (Gn 1.26,27).*

Atributos comunicáveis são as perfeições de Deus que ele permite que sejam refletidas em suas criaturas, de modo derivado, limitado e imperfeito. Eles não deixam de ser divinos por aparecerem em nós; antes, mostram que fomos criados à imagem de Deus e, por isso, podemos manifestar traços do seu caráter em forma finita (Gn 1.26-27, NAA). Em Deus, esses atributos existem com plenitude, pureza e constância; em nós, aparecem como

reflexo e vocação, isto é, como aquilo para o qual somos chamados e conformados em Cristo. Esses atributos nos mostram como Deus é e como Ele quer que sejamos, ainda que nunca possamos manifestá-los com a perfeição com que Ele os possui.

Por que isso é importante? Conhecer os atributos comunicáveis de Deus nos ajuda a: (1) Refletir o caráter de Deus em nossas vidas; (2) Crescer em santidade e semelhança com Cristo; (3) Compreender como Deus age e como devemos agir.

Entre os atributos comunicáveis, a santidade ocupa um lugar especial. Deus é absolutamente puro e separado do pecado, e sua santidade expressa perfeição moral e dedicação total ao bem. Os serafins proclamam: “Santo, santo, santo é o Senhor dos Exércitos” (Is 6.3, NAA), e o mesmo Deus chama seu povo a viver de modo coerente com essa realidade: “Sejam santos, porque eu sou santo” (1Pe 1.16, NAA).

O amor é outro atributo comunicável importante, pois “Deus é amor” (1Jo 4.8, NAA). O amor divino não é o mesmo que sentimentalismo; é benevolência santa e fidelidade que se manifesta em ação. Por isso, Cristo dá aos discípulos um mandamento que traduz o caráter de Deus em prática: “Amem uns aos outros, assim como eu os amei” (Jo 15.12, NAA). Em nós, amar é refletir, em medida humana, a iniciativa, a constância e a verdade do amor que procede de Deus.

A justiça descreve a retidão de Deus em tudo o que ele faz e julga. O salmista afirma: “O Senhor é justo em todos os seus caminhos” (Sl 145.17, NAA). Consequentemente, a justiça se torna critério de vida para o povo de Deus, que é chamado a integridade, equidade e responsabilidade diante do próximo. A ética bíblica resume isso de forma contundente: “Pratique a justiça, ame a misericórdia e ande humildemente com o seu Deus” (Mq 6.8, NAA).

Junto à justiça, a Escritura enfatiza misericórdia e graça. Misericórdia é a compaixão de Deus diante do miserável; graça é seu favor imerecido para com o pecador. O Senhor é descrito como “misericordioso e compassivo” (Sl 103.8, NAA), e Jesus torna isso norma para seus discípulos: “Sejam misericordiosos, como também é misericordioso o Pai de vocês” (Lc 6.36, NAA). Em termos práticos, isso se expressa em perdão, generosidade e cuidado com os que sofrem, sem relativizar o pecado nem abandonar a verdade.

Também são comunicáveis a verdade e a fidelidade de Deus. Ele não mente, não engana e cumpre o que promete: “Deus não é homem para que minta” (Nm 23.19, NAA). Por isso, os filhos de Deus são chamados a uma vida confiável, em que palavras, promessas e atitudes sejam coerentes.

A paciência (ou longanimidade) revela a disposição de Deus de suportar com tolerância e de conceder tempo para arrependimento. O mesmo texto que o descreve como misericordioso também o descreve como paciente (Sl 103.8, NAA), e Naum declara que o Senhor é “tardio em irar-se” (Na 1.3, NAA). Contudo, paciência não pode ser entendida como passividade diante do mal, antes ela é domínio de si, perseverança e prontidão para tratar o outro com mansidão e firmeza, sem explosões e sem vingança.

Por fim, a paz é atributo comunicável porque Deus é o Deus que reconcilia, ordena e restaura comunhão. Paulo afirma: “O Deus da paz será com vocês” (Fp 4.9, NAA), e Jesus chama seus discípulos a serem agentes de reconciliação: “Bem-aventurados os pacificadores” (Mt 5.9, NAA). Todavia, é importante que se diga que a paz não é ausência de conflito a qualquer custo.

3.3 Nomes que revelam o Pai.

Ideia central: Os nomes bíblicos de Deus comunicam identidade e ação, ou seja, quem Deus é e o que ele faz.

O aluno deve sair sabendo: que Deus se deixa conhecer para ser adorado e obedecido, e não para mera curiosidade terminológica e teológica (SI 9.10, NAA).

A LIÇÃO DIZ: *Os nomes de Deus não tratam apenas de sua identificação, mas revelam sua natureza, obras e virtudes.*

Os nomes e títulos atribuídos a Deus nas Escrituras comunicam quem Deus é, como ele age e como ele se relaciona com o seu povo. É importante fazer duas observações para evitar confusões que são comuns. Primeiro, muitos desses nomes (por exemplo, YHWH e Elohim) designam o Deus único e verdadeiro, e, por isso, podem ser usados para falar de Deus em geral, não “exclusivamente” do Pai. Segundo, no contexto trinitário, o Pai é reconhecido como a primeira Pessoa, e certos títulos evidenciam, de modo especial, sua relação paterna com o Filho e sua iniciativa nas obras divinas. Assim, os nomes bíblicos preservam, ao mesmo tempo, o monoteísmo e a riqueza da revelação progressiva culminada em Cristo.

Entre os nomes veterotestamentários, El e Elohim aparecem como designações fundamentais para Deus. “Elohim”, ainda que seja uma forma plural, é acompanhado por verbos no singular em muitos contextos, indicando o Deus único que cria e governa. O texto de Gênesis afirma: “No princípio, Deus criou os céus e a terra” (Gn 1.1, NAA). Aqui, o foco do nome está na majestade, poder criador e soberania do Senhor. O Pai não é “um deus entre outros”, mas o Deus criador, fonte de toda existência, que dá sentido ao mundo e à história.

O título El Elyon, “Deus Altíssimo”, ressalta a supremacia do Senhor sobre qualquer poder terreno ou espiritual. Melquisedeque abençoa Abraão “pelo Deus Altíssimo, que possui os céus e a terra” (Gn 14.19, NAA). O ponto aqui não é apenas que Deus está “acima” em posição, mas que ele detém domínio e a posse sobre a totalidade da criação. Portanto, o Pai é confessado como soberano absoluto, e isso corrige a tendência humana de medir Deus pelos parâmetros das forças do mundo.

O nome El Shaddai, geralmente traduzido como “Deus Todo-Poderoso”, enfatiza o poder eficaz e a suficiência de Deus para sustentar suas promessas. O Senhor diz a Abraão: “Eu sou o Deus Todo-Poderoso; ande na minha presença e seja perfeito” (Gn 17.1, NAA). Aqui, o nome funciona como fundamento para confiança e obediência Deus não depende de recursos externos para realizar sua vontade.

Outro título relevante é El Olam, “Deus eterno”, que destaca a transcendência de Deus em relação ao tempo. Isaías declara: “O Senhor é o Deus eterno” (Is 40.28, NAA).

O nome pessoal por excelência, YHWH (associado ao “Eu Sou”), concentra a autoexistência, a fidelidade e a presença perceptível e ativa de Deus com o seu povo. Deus se revela a Moisés: “EU SOU O QUE SOU” (Êx 3.14, NAA) e acrescenta: “Este é o meu nome eternamente” (Êx 3.15, NAA). No Novo Testamento, Jesus usa a linguagem do “Eu sou” de modo que remete a essa identidade divina: “Antes que Abraão existisse, EU SOU” (Jo 8.58, NAA).

Dentro da lógica da providência, surge o título YHWH-Jiré, “o Senhor proverá”. Após a intervenção de Deus, Abraão dá ao lugar esse nome, e o texto registra: “No monte do Senhor se proverá” (Gn 22.14, NAA). Trata-se de um nome que ensina o cuidado soberano de Deus, especialmente quando o povo é levado ao limite de suas forças. Além disso, o Novo Testamento ilumina essa providência ao afirmar que Deus “não poupou o seu próprio Filho” (Rm 8.32, NAA), mostrando que a provisão suprema do Pai é cristológica: ele provê salvação ao entregar o Filho.

Chegando ao ápice da revelação no Novo Testamento, o título Pai (e a forma aramaica Abba) expressa a pessoalidade, autoridade e intimidade do Deus que adota e acolhe os pecadores arrependidos. Jesus ensina: “Portanto, orem assim: Pai nosso, que estás nos céus” (Mt 6.9, NAA), e ele mesmo ora: “Aba, Pai” (Mc 14.36, NAA). Paulo mostra que essa linguagem começa a fazer parte da experiência do crente pela ação do Espírito: “vocês receberam o Espírito de adoção, baseados no qual clamamos: ‘Aba, Pai’” (Rm 8.15, NAA; cf. Gl 4.6, NAA).

CONCLUSÃO

Nesta lição, exploramos a identidade de Deus Pai, a fonte eterna da divindade e o Único Deus verdadeiro, que age inseparavelmente com o Filho e o Espírito. Vimos que sua transcendência impede qualquer domínio intelectual humano; Ele só é acessível porque decidiu se revelar na face de Cristo.

Portanto, o estudo da teologia não serve para inflar o ego dos “sábios”, mas para fundamentar a fé dos “pequeninos”. O verdadeiro clímax desta doutrina não é apenas saber que Deus é o Todo-Poderoso, mas descobrir que, por meio da mediação de Jesus, o “Eu Sou” inatingível tornou-se nosso “Aba”. Que este conhecimento nos leve a abandonar a autossuficiência, trocando a soberba humana pela segurança de quem repousa na soberana providência do Pai.

ABRA JAULA

REFERÊNCIAS

PAMPLONA, Pedro. **Como Deus é um e três ao mesmo tempo?** Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2023.

LETHAM, Robert. **A Trindade:** na Escritura, história, teologia e adoração. São Paulo: Vida Nova, 2022.

FERREIRA, Franklin; MYATT, Alan. **Teologia sistemática:** uma análise histórica, bíblica e apologética para o contexto atual. São Paulo: Vida Nova, 2007. p. 155-197.

HORTON, Stanley M. (ed.). **Teologia sistemática:** uma perspectiva pentecostal. 1. ed. Rio de Janeiro: CPAD, 1996. p. 157-187.

Santo Agostinho. **A Trindade.** São Paulo: Paulus, 1994.

ERCKSON, Millard J. **Teologia sistemática.** São Paulo: Vida Nova, 2015.